

A pedagogia do oprimido de Paulo Freire e o ensino de filosofia *com* crianças

The pedagogy of oppressed by Paulo Freire and the teaching of philosophy with children

La pedagogía do oprimido de Paulo Freire y la enseñanza de filosofía con niños

Ivanilde Apoluceno de Oliveira*

Resumo

Neste artigo tecemos reflexões sobre o ensino de filosofia *com* crianças em escola pública, tendo por base a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, buscando verificar como os/as educadores/as promovem a formação do pensar lógico, crítico e a criatividade da criança. Este ensino é realizado em escola pública da cidade de Belém, por educadores/as populares de um Núcleo de Educação Popular vinculado a uma universidade pública do estado do Pará, como atividade de extensão. O ensino de filosofia *com* crianças é trabalhado pelos/as educadores/as na perspectiva de iniciação filosófica, procurando-se desenvolver as suas raízes racionais, afetivas, éticas e estéticas, visando à formação do pensar, do agir e do imaginar/criar da criança vista na sua integralidade. Neste ensino, trabalha-se com a história da filosofia, por meio de livros infantis, alguns produzidos por educadores/as do próprio núcleo, buscando desenvolver as faculdades das crianças no ato de filosofar, como o questionar e o problematizar a realidade, conceituar, pensar, argumentar com coerência lógica, agir com base em valores éticos e criar, estimulando a capacidade de imaginação das crianças e a aquisição de valores estéticos. Porém, neste estudo, o foco é para a formação do pensar lógico, crítico e criativo das crianças. Neste estudo, foi realizada pesquisa bibliográfica com levantamento documental, na qual foram efetivadas leituras sobre o ensino de filosofia, a educação de Paulo Freire, entre outras, bem como o levantamento de relatórios de atividades de extensão do referido Núcleo de Educação Popular, dos livros infantis produzidos pelo próprio núcleo e outros utilizados nas atividades, e como foram aplicados no ensino de filosofia *com* crianças na escola. Entre os resultados, destaca-se que as crianças nas atividades realizadas analisam os conteúdos, conceituam, argumentam e expressam sua visão de mundo, desenvolvendo no ensino de filosofia a capacidade do pensar crítico, lógico e criativo.

Palavras-chave: Ensino de filosofia. Crianças. Pedagogia do oprimido. Paulo Freire.

Recebido em 25/10/2019 – Aprovado em 09/04/2020

<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v27i3.12375>

* Graduada em Filosofia pela UFPA e doutora em Educação pela PUC-SP. Professora titular da Universidade do Estado do Pará e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, sendo a atual coordenadora. É vice-presidente Norte da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). Coordena o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire da UEPA e a Cátedra Paulo Freire da Amazônia. É editora da *Revista Cocar* e bolsista produtividade do CNPq, Nível 2. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3458-584X>. E-mail: nildeapoluceno@uol.com.br



Abstract

We weave reflections on the teaching of philosophy with children in public school in this article, based on the Pedagogy of the Oppressed by Paulo Freire, seeking to verify how the educators promote the formation of the child's logical, critical thinking and creativity. This teaching is carried out in public school in the city of Belém, by popular educators from a popular education nucleus linked to a public university of the State of Pará, as an extension activity. It was carried out bibliographic research with documentary survey in this study, in which readings on the teaching of philosophy were effective, the education of Paulo Freire, among others, as well as the survey of reports of extension activities of the aforementioned Popular Education Nucleus, children's books produced by the nucleus and others used in activities and how they were applied in teaching philosophy with children at school. Among the results, it is highlighted that the children in the activities performed analyse the contents, conceptualize, argue and express their worldview, developing the capacity for critical, logical and creative thinking in the teaching of philosophy.

Keywords: Teaching of philosophy. Children. Pedagogy of the oppressed. Paulo Freire.

Resumen

En este artículo reflexionamos sobre la enseñanza de la filosofía con niños en una escuela pública, basada en la Pedagogía del Oprimido de Paulo Freire, buscando verificar cómo los educadores promueven la formación del pensamiento lógico, crítico y creativo del niño. Esta enseñanza se realiza en una escuela pública en la ciudad de Belém, por educadores populares de un Centro de Educación Popular vinculado a una Universidad pública del Estado de Pará, como una actividad de extensión. La enseñanza de la filosofía con los niños es trabajada por educadores desde la perspectiva de la iniciación filosófica, buscando desarrollar sus raíces racionales, afectivas, éticas y estéticas, con el objetivo de formar el pensamiento, la actuación y la imaginación/creación del niño visto en su totalidad. En esta enseñanza trabajamos con la historia de la filosofía, a través de libros infantiles, algunos producidos por educadores del Núcleo mismo, buscando desarrollar las facultades de los niños en el acto de filosofar, como cuestionar y problematizar la realidad, conceptualizar, pensar, argumentar con coherencia lógica, actúan en base a valores éticos y crean, estimulando la imaginación de los niños y la adquisición de valores estéticos. Sin embargo, en este estudio, el enfoque está en la formación del pensamiento lógico, crítico y creativo de los niños. En este estudio, se realizó una investigación bibliográfica con encuesta documental, en la que se realizaron lecturas sobre la enseñanza de la filosofía, la educación de Paulo Freire, entre otros, así como la encuesta de informes de actividades de extensión del referido Centro de Educación Popular, de libros infantiles producidos por el Núcleo y otros utilizados en las actividades, y cómo se aplicaron en la enseñanza de filosofía con niños en la escuela. Entre los resultados, se destaca que los niños en las actividades realizadas analizan los contenidos, conceptualizan, discuten y expresan su cosmovisión, desarrollando en la enseñanza de la filosofía la capacidad de pensamiento crítico, lógico y creativo.

Palabras clave: Enseñanza de filosofía. Niños. Pedagogía del Oprimido. Paulo Freire.

Introdução

Neste artigo tecemos reflexões sobre o ensino de filosofia *com* crianças em escola pública, tendo por base a pedagogia do oprimido de Paulo Freire.

Uma das principais referências da educação de Paulo Freire é o livro *Pedagogia do Oprimido*, escrito de 1967 a 1968 e publicado nos Estados Unidos em 1970, e no Brasil em 1975 (CASALI, 2009). Nessa obra, Paulo Freire apresenta uma pedagogia do oprimido, cuja característica é o engajamento ético-político com os

oprimidos, ou seja, todos que sofrem opressão social tanto por questão de classe quanto por outros fatores: etnia, idade, sexo, etc.

A opressão é conceituada por Freire (1983, p. 47, grifo nosso) como “um ato proibitivo do *ser mais* dos [seres humanos]”, compreendendo que, no processo de opressão, o ser humano é negado em sua vocação ontológica para *ser mais*, constituindo-se em uma ação de desumanização.

O livro *Pedagogia do Oprimido* é estruturante do seu pensamento educacional por apresentar a crítica à concepção tradicional de educação, que denomina de bancária, por ser impositiva de conteúdos, competitiva, meritocrática, alienante e excludente, e anunciar as diretrizes e categorias fundantes da sua pedagogia, que se configura em dialógica, crítica e libertadora.

Como o próprio Freire (1983, p. 17) afirma, a pedagogia do oprimido faz “da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação”. Destaca, ainda, que a pedagogia do oprimido tem raízes na luta por sua libertação. “E tem que ver, nos próprios oprimidos, que se saibam ou comecem criticamente, a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos”. Por isso, precisa ser crítica, humanizadora e libertadora.

Assim, com base no livro *Pedagogia do Oprimido*, a pedagogia de Paulo Freire é vista como libertadora, humanista, dialógica e do oprimido. É nesse sentido que será tratada neste artigo, como uma pedagogia do oprimido.

O objetivo deste artigo é verificar como educadores/as promovem a formação do pensar lógico, crítico e criativo da criança no ensino de filosofia. Esse ensino é realizado em escola pública da cidade de Belém, por educadores/as populares de um Núcleo de Educação Popular vinculado a uma universidade pública do estado do Pará, como atividade de extensão.

O ensino de filosofia *com* crianças é trabalhado pelos/as educadores/as na perspectiva de iniciação filosófica, procurando-se desenvolver as suas raízes racionais, afetivas, éticas e estéticas, visando à formação do pensar, do agir e do imaginar/criar da criança vista na sua integralidade.

Freire (2001b, p. 18) compreende o ser humano na sua inteireza de ser, razão-corpo, cognitivo-afetividade, quando afirma: “sou uma inteireza e não uma dicotomia [...]. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também”.

Neste ensino, trabalha-se com a história da filosofia, por meio de livros infantis, alguns produzidos por educadores/as do próprio núcleo, buscando, também, desenvolver as faculdades das crianças no ato de filosofar, como o questionar e o problematizar a realidade, conceituar, pensar, argumentar com coerência lógica,

agir com base em valores éticos e criar, estimulando a capacidade de imaginação das crianças e a aquisição de valores estéticos. Assim, neste estudo, o foco é para a formação do pensar lógico, crítico e criativo das crianças.

Essas ações educativas têm por base as seguintes categorias da pedagogia do oprimido de Paulo Freire: o diálogo, o ato de perguntar, o estímulo à curiosidade, à criatividade e à autonomia dos sujeitos educacionais, assim como o ato de problematizar a realidade social.

Neste estudo, tanto a pesquisa bibliográfica quanto o levantamento documental foram realizados, tendo sido efetivadas leituras sobre o ensino de filosofia, a educação de Paulo Freire, entre outras, bem como o levantamento de relatórios de atividades de extensão do referido Núcleo de Educação Popular, de livros infantis produzidos pelo próprio núcleo e outros utilizados nas atividades, e como foram aplicados no ensino de filosofia *com* crianças nas escolas.

Desta forma, este artigo está direcionado para as atividades educacionais realizadas no ensino de filosofia *com* crianças, incluindo o uso de livros infantis, visando investigar: como é promovida a formação do pensar lógico, crítico e criativo da criança?

É importante ressaltar que o Núcleo de Educação Popular já elaborou dois livros infantis para o ensino de filosofia *com* crianças, por meio de um trabalho coletivo dos educadores, tendo como ponto de partida a realidade da Amazônia Paraense, instigando nas crianças o interesse pela filosofia.

A produção de livros filosóficos para crianças surgiu no núcleo pela necessidade de se trabalhar a história da filosofia e apresentar os filósofos e seus temas de reflexões filosóficas. Como os livros que abordam questões filosóficas não são facilmente encontrados no âmbito da literatura infantil, os/as educadores/as resolveram produzir os livros infantis.

Inicialmente, apresentamos o porquê de as crianças filosofarem, em seguida, a pedagogia do oprimido de Paulo Freire e o ensino freireano de filosofia *com* crianças, por meio da descrição e análise de duas estratégias metodológicas realizadas pelos/as educadores/as na formação do pensar lógico, crítico e criativo da criança: o círculo cultural dialógico e de problematização e o uso de livros infantis filosóficos.

O porquê de as crianças filosofarem

A filosofia é entendida como a busca em conhecer e solucionar as problemáticas existenciais e socioculturais do ser humano. A filosofia se apresenta:

[...] como uma “maneira de pensar” que tem “um conteúdo próprio: os aspectos fundamentais da realidade e da existência humana” [...] é um *projeto*, e não uma obra acabada; é uma “busca perene de ampliação do saber” e procura apropriar-se da realidade para ir além da explicação, da descrição dessa realidade, num movimento histórico de constituição das significações e do próprio mundo humano (LORIERI; RIOS, 2004, p. 24-25).

A filosofia se configura como uma atividade humana, porque todo o ser humano filosofa em sua relação com o mundo, levantando problemas e encarando os desafios vivenciados no cotidiano social e que provocam questionamentos e estimulam a busca de conhecer os fatos e de solucioná-los.

O ser humano, então, diante dos problemas que a realidade social apresenta, assume uma atitude filosófica. De modo que:

Filosofar [...] se impõe não como puro encanto, mas como espanto diante do mundo, diante das coisas, da História que precisa ser compreendida ao ser vivida no jogo em que, ao fazê-la, somos por ela feitos e refeitos (FREIRE, 2000, p. 102).

Na visão de Gramsci (1991, p. 11), “todos os homens são filósofos”, pois expressam na linguagem, no senso comum, na cultura popular, etc., uma filosofia construída de forma ocasional e espontânea. Filosofia compreendida como uma visão de mundo produto de questionamentos e reflexões sobre ações, sentimentos e ideias, extraída da vivência cotidiana e gerada pela curiosidade. Dessa forma, a filosofia se apresenta como ato de filosofar, ou seja, como uma atitude filosófica do ser humano perante o mundo e como teoria ou pensamento filosófico, isto é, atitude de investigação filosófica do ser humano perante o mundo.

Freire (1983), em *Pedagogia do Oprimido*, ressalta a capacidade do ser humano de se colocar a si mesmo como problema, mediante a consciência de sua incompletude e de sua compreensão de que é um ser que não sabe tudo, por isso se constitui em um “ser de busca” do conhecimento.

Mais uma vez os homens [e as mulheres], desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos, como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas (FREIRE, 1983, p. 29).

O ato de perguntar, na visão de Freire (1983), está situado no âmbito da problematização do ser humano sobre si mesmo. A pergunta está relacionada à curiosidade do ser humano, cuja radicalidade é a consciência de sua inconclusão, no seu permanente processo social e histórico de busca.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haverá criticidade sem a curiosidade que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando algo a ele que fazemos (FREIRE, 2007, p. 32).

O perguntar, então, faz parte do processo de existir humano, sendo necessário à prática educacional, considerando que “uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder ao seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais, existenciais. E o próprio conhecimento” (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 52).

É nesta perspectiva que compreendemos que a criança pode filosofar. As crianças, tais como os adultos, são curiosas, estão em processo de conhecimento e fazem perguntas sobre a vida, a natureza e os acontecimentos socioculturais. Perguntam para conhecer as coisas, sendo capazes de encontrar respostas às suas próprias perguntas e inquietações (DEWEY, 1959 *apud* PAGNI; BROCANELLI, 2007).

O ensino de filosofia, na perspectiva de uma pedagogia da pergunta, consiste em estimular a curiosidade e o ato de perguntar das crianças na ação educativa.

Lipman, Sharp e Oscanyan (2001) afirmam que as crianças podem filosofar, porque se deslumbram e são curiosas perante a realidade. Ao perguntar o porquê das coisas, expressam o seu espírito inquiridor e levantam temas filosóficos. Os autores consideram, ainda, que a filosofia é favorável ao desenvolvimento das crianças, ao possibilitar-lhes realizar juízos logicamente corretos, estimular atitudes éticas e o pensamento reflexivo.

Entretanto, na perspectiva da pedagogia do oprimido, compreendemos, como Freire (1993, p. 79), que: “ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte”, e a formação da criança é integral. Nesse sentido, a filosofia não pode ser apenas dirigida à razão, ela deve ter raízes também na afetividade e na estética.

Uma educação que englobe a estética é aquela que coloca o indivíduo “em contato com os sentidos que circulam em sua cultura, para que, assimilando-os, ele possa nela viver [...]. Significa permitir que ele conheça as múltiplas significações e as compreenda a partir de suas vivências” (DUARTE, 1988 *apud* MARIN, 2007, p. 114).

Assim, formar ética e esteticamente crianças pressupõe o desenvolvimento de atividades pedagógicas criativas e críticas, entre as quais as artísticas.

Jamais pude pensar a prática educativa [...] intocada pela questão dos valores, portanto, da ética, pela questão dos sonhos e da utopia, quer dizer, das opções políticas, pela questão do conhecimento e da boniteza, isto é, da gnosologia e da estética (FREIRE, 2000, p. 89).

É na perspectiva de uma educação crítica e criativa que se compreende ser o ensino de filosofia *com* crianças, que se apresenta como processo de iniciação filosófica. A criança tem acesso ao contato com o pensamento de alguns filósofos, por meio da literatura infantil, sendo trabalhadas pedagogicamente com elas questões filosóficas: o conhecimento, a ética, a estética, a lógica, entre outras. Neste estudo, o foco é para questões da lógica, da criticidade e da criatividade.

A pedagogia do oprimido de Paulo Freire como pressuposto do ensino de filosofia *com* crianças

O ensino de filosofia *com* crianças, realizado desde 2007, em escola pública de Belém, está centrado nas seguintes diretrizes da pedagogia do oprimido de Paulo Freire (2007):

- a) **ensinar não é transferir conhecimento**, e sim “criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (2007, p. 47);
- b) **ensinar exige criticidade**, com vistas a superar a visão ingênua de mundo; promover a passagem da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica;
- c) **ensinar exige ética e estética**, Freire considera que a formação crítica deve ser feita vinculada a uma rigorosa “formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas” (2007, p. 32);
- d) **ensinar exige curiosidade**, importa para Freire que “professores e alunos se assumam epistemologicamente curiosos” (2007, p. 86);
- e) **ensinar exige respeito aos saberes dos educandos**, promovendo a “relação desses saberes com o ensino dos conteúdos” (2007, p. 30);
- f) **ensinar exige respeito à autonomia do ser humano**, que requer do docente uma prática coerente com essa exigência;
- g) **ensinar exige disponibilidade para o diálogo e saber escutar**, que implica no sujeito se abrir ao mundo e aos outros, inaugurando com seu gesto a relação dialógica, que perpassa pela escuta do outro e se confirma como inquietação, curiosidade, inconclusão em constante movimento na história;
- h) **ensinar exige alegria e esperança**, como clima do espaço pedagógico, com vistas ao processo de humanização e de transformação social (2007, p. 72);

- i) **ensinar exige querer bem aos educandos**, porque “a afetividade não está excluída da cognoscibilidade”; o querer bem significa “a disponibilidade à alegria de viver”, uma ação de amorosidade indispensável no ato educativo (2007, p. 141).

Nesse sentido, o ensino de filosofia com crianças articula a criticidade com a ética e a estética, é alegre, estimula a curiosidade e a problematização da realidade, promove a amorosidade, a autonomia dos sujeitos e a esperança de um mundo melhor.

As principais categorias freireanas utilizadas são: a pergunta, o diálogo, a amorosidade, a problematização e a autonomia.

O ato de perguntar, em Freire e Faundez (1985), faz parte da existência humana, cujo ponto de partida do questionar é a curiosidade, configurando-se o ato de perguntar a origem do conhecimento. Assim, na prática pedagógica é imprescindível o estímulo à curiosidade e à criatividade por meio da pergunta.

Para Freire (1980, p. 83), o que fundamentalmente importa à educação:

[...] é a problematização do mundo do trabalho, das obras, dos produtos, das ideias, das convicções, das aspirações, dos mitos, da arte, da ciência, enfim, o mundo da cultura e da história, que resultado das relações homem-mundo, condiciona os próprios homens, seus criadores.

É o mundo humano que é objeto de problematização dos homens e mulheres na ação educativa, mundo no qual o próprio ser humano está inserido e também dialeticamente problematizado.

O diálogo e a problematização em Paulo Freire apresentam uma dimensão política. O diálogo possibilita às pessoas de segmentos sociais excluídos “dizerem sua palavra”, expressando sua forma de ver o mundo e de se ver como pessoa e cidadã, além de problematizarem de forma crítica a realidade social. A cidadania, para Freire (2001a, p. 130-131), “passa pela participação popular, pela voz [...]. A voz é um direito de perguntar, criticar, de sugerir”. E a problematização permite aos excluídos socialmente efetuar uma análise crítica sobre a realidade, que se apresenta como problema, visando modificá-la.

Na pedagogia do oprimido de Paulo Freire, a problematização se processa por meio do diálogo, no qual os sujeitos cognoscentes se comunicam.

Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra em interação. Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele, explicando o mundo, mas sobretudo, tendo de justificar-se na sua transformação (FREIRE, 1983, p. 55).

A amorosidade está vinculada ao diálogo, conceituado por Freire (1980, p. 43) como “encontro amoroso dos homens [e mulheres] que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”.

Na pedagogia do oprimido, a amorosidade envolve a intercomunicação e o respeito entre os sujeitos. O amor é definido por Freire (1981, p. 29) como uma “intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam”.

Além do diálogo e da amorosidade, a autonomia é fundamental na pedagogia de Paulo Freire. Ter autonomia significa ser sujeito na construção de sua história, cultura e educação. Para Freire, a autonomia envolve escolhas e decisões. Dessa forma, a autonomia “vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas [pelos indivíduos]” (2007, p. 107).

O ensino de filosofia *com* crianças visa que a criança seja capaz de: problematizar a realidade social em que vive; ter autonomia em sua forma de pensar; potencializar o seu pensar crítico, reflexivo e criativo; viabilizar a compreensão entre a produção histórica e filosófica expressa nos livros infantis e a atitude cotidiana de filosofar.

Assim, além de desenvolver o ato de filosofar, o uso de livros infantis viabiliza o contato com o pensamento de filósofos, para que as crianças conheçam um pouco da história da filosofia e se informem sobre algumas questões filosóficas, relacionando-as com o seu contexto sociocultural.

O ensino de filosofia *com* crianças: a formação do pensar lógico, crítico e criativo

O círculo cultural dialógico e de problematização

O círculo cultural dialógico e de problematização proposto como estratégia metodológica no ensino de filosofia *com* crianças tem por base os círculos de cultura de Paulo Freire, nos quais:

[...] dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar de justaposição ou da superposição de conhecimento feitas pelo educador a ou sobre o educando. Em que se construía novas hipóteses de leitura do mundo (FREIRE, 2003, p. 161).

Nesse círculo, são realizadas conversas dialógicas com as crianças, tendo por base um tema gerador, por meio das quais as crianças são incentivadas a perguntar, a levantar problemas e a refletir sobre eles, sem repressões.

Desta forma, do diálogo sobre o tema, expresso por situações existenciais e sociais, emergem questões para reflexão no círculo, sendo utilizadas diversas estratégias educacionais, entre as quais o uso de livros infantis, *slides*, teatro, etc.

Levantamento de perguntas existenciais

No círculo cultural, as crianças levantam questões filosóficas existenciais, como o porquê da morte, buscando conhecer e esclarecer os fatos.

Criança: — Por que a gente morre?
(RELATÓRIO NEP, 2007a, p. 03).

Criança: — Por que Deus fez a gente?
(AMADOR, 2007, p. 95).

Pensar com coerência lógica e argumentação

As crianças expressam um pensar com coerência lógica, apresentando concordância e contra argumentação.

Educador: — Então quer dizer que o isolamento é quando o ser humano mora sozinho?
Crianças: — Não.
Criança: — Não. Tem gente que mora com a família que é isolada.
Criança: — É mesmo.
(AMADOR, 2007, p. 71).

Educador: — Existe um número certo de membros para compor uma família?
Crianças: — Não.
Criança: — Existe.
Criança: — Desconcordo.
(AMADOR, 2007, p. 79).

Educador: — Então o que é carinho?
Criança: — É o amor.
Criança: — Eu não acho.
Criança: — Eu acho!
Educador: — Você poderia explicar porque não acha que o carinho é amor?
Criança: — Porque o amor é uma coisa que namora e vai casar.
(AMADOR, 2007, p. 74).

Conceituar as coisas

No círculo cultural, as crianças também conceituam as coisas, usando situações concretas da realidade social.

Educador: — E os filhos e as filhas possuem papel na família? [...]

Criança: — É ajudar os pais a trabalhar [...]

Criança: — A prima quando ela chega.

Criança: — Para cinhar.

Educador: — O que é cinhar?

Criança: — É cinhar o mato com ancinho.

Criança: — Limpar o terreiro.

(AMADOR, 2007, p. 75).

Formação do senso crítico

As crianças, no círculo cultural, apresentam senso crítico:

Educador: — Por que a poluição nos igarapés está acontecendo?

Criança: — Porque jogam lixo.

Criança: — As pessoas jogam lixo nos igarapés.

Criança: — Elas acham que é bom jogar lixo nos igarapés. [...]

Criança: — Quando jogam lixo no rio, é porque não sabe pensar.

Criança: — É porque não tem noção.

Criança: — Ela está acabando com a natureza.

(AMADOR, 2007, p. 103-104).

Educador: — Por que o ser humano bate no outro?

Criança: — Porque ele sente raiva e coloca para fora.

Educador: — Quando o homem bate na mulher, ele é chamado de covarde. E quando a mulher bate no homem?

Criança: — É para se proteger dele [...]

Criança: — Tem a Lei Maria da Penha.

Criança: — Ela se protegeu.

Criança: — Eu não vou deixar o meu marido me bater!

Educador: — Será que ele também perdeu a cabeça e não pensou?

Crianças: — Foi.

Educador: — E quando nós pensamos?

Criança: — Ah! É diferente.

(RELATÓRIO NEP, 2007a, p. 03).

Educador: — O que é certo?

Educando 5: — O certo é pensar. Antes de fazer, tem que pensar.

Educador: — Os animais, porque não pensam, fazem o errado?

Educandos: — É.

Educanda 2: — Por exemplo o macaco faz tudo errado porque ele não pensa.

Educanda 1: — Errado é uma coisa que a gente não pensa antes de fazer.

Educador: — Quando a gente pensa antes, e não sai do jeito que a gente queria depois?

Educando 4: — A gente tenta de novo.

Educanda 2: — A gente faz de novo.

Educando 4: — Até dar certo.

(RELATÓRIO NEP, 2007b, p. 4).

A utilização de livros para desenvolvimento de habilidades lógicas e criativas

Alguns círculos de cultura foram iniciados com diálogos incentivados pela apresentação de um livro.

Os livros infantis filosóficos são utilizados por meio de diferentes estratégias metodológicas, envolvendo leituras coletivas e em pequenos grupos e o círculo cultural para levantamento de questões sobre o livro, buscando identificar o nível de compreensão do conteúdo do livro em estudo.

Livro Zoom

O livro apresentado às crianças foi o *Zoom*, que não possui textos, somente imagens, com o uso de *slides* projetados na tela. Nessa apresentação, com o intuito de incentivar a curiosidade e a relação lógica entre o todo e a parte, o tema em debate foi a curiosidade.

Educadora: — E o que é curiosidade?

Criança 1: — É uma pergunta sem resposta.

Criança 2: — É você olhar e sentir vontade de ir ver.

Criança 3: — É você querer fazer.

Criança 4: — É você não pensar em só olhar, é ir ver de perto, pegar, tocar.

Criança 5: — É abrir um pacote somente para ver o que é.

Criança 6: — É não deixar passar sem ver o que é.

Criança 7: — É uma atração para saber o que é.

Criança 8: — É você se sentir atraído pelo diferente.

Criança 9: — É a vontade de ver o que é.

Criança 10: — É tudo isso...

(RELATÓRIO NEP, 2010, p. 04).

Livro sobre Descartes

O livro *René Descartes* (HASSEN, 2009) conta a história de um menino, chamado Renê, que, além de brincar, pensava. Ele, num dado dia, pensou sobre o sonho e a realidade e desconfiou do que via ao seu redor. O que era ilusão? O que era verdade? Pensou e concluiu, mesmo que pensasse errado, quem pensa precisa existir. Por isso, afirmou: “Penso, logo existo”.

O livro foi apresentado em forma de *slides*, por meio de leitura coletiva realizada pelo educador e pelas crianças. Após a leitura, foi constituído o círculo cultural, no qual as crianças debateram sobre a ilusão, o que existe e a verdade, tendo por base o que leram no livro.

Criança 2: — A ilusão é quando a gente vê uma coisa que não é verdade, que nem a lama que o menino viu (Descartes).

Criança 1: — É uma menina por causa do cabelo.

Criança 2: — Não é. O nome é de menino: René.

Criança 1: — Ah! é.

Educador: — O trote do cavaleiro era de verdade?

Crianças: — Não. Era ilusão.

Criança 2: — Tudo que ele (Descartes) pensava era ilusão.

Educador: — A ilusão é pensamento?

Crianças: — É.

Criança 2: — Aí quem pensa é porque existe.

Educador: — Por mais que pense errado?

Criança 2: — Não importa, pensou, existiu.

Educador: — A gente passa a existir quando pensa?

Criança 2: — É. Acho que passa, sem pensar a gente nunca ia existir.

(RELATÓRIO NEP, 2007b, p. 03).

Educador: — O que é verdade?

Crianças: — É aquilo que acontece.

Educador: — O que é mentira?

Criança 1: — Mentir é uma coisa assim. Quando a gente faz uma coisa pra nossa mãe, aí depois a nossa mãe descobre, aí diz que é mentira.

Educador: — Então mentira é o que a nossa mãe diz que é mentira?

Crianças: — Não.

Criança 1: — Mentira é algo que a gente inventa para nossa mãe.

(RELATÓRIO NEP, 2007b, p. 03).

Leitura e análise do livro *Conversa com Sócrates*

A sinopse do livro *Conversa com Sócrates* é a seguinte: o professor em sala falou um pouco sobre Sócrates e os meninos ficaram curiosos em conhecer mais sobre o filósofo. Ao adormecerem embaixo de uma árvore, sonharam que estavam em uma terra distante e se encontravam com Sócrates, que os denominou de Menino do Porquê e Menina da Pergunta. Na conversa dialógica com os meninos, Sócrates apresenta o que é a filosofia, o conhecimento e a maiêutica.

Para leitura desse livro, foi utilizada a estratégia metodológica da leitura coletiva. Após a leitura, foi analisado um trecho do livro no qual Sócrates pergunta às crianças se todas as árvores são iguais. Os/as educadores/as, então, fizeram a pergunta: “Todas as árvores são iguais?”. Mediante esta pergunta, as crianças desenharam, na lousa e no caderno, as diferentes árvores que conheciam e que já tinham visto em algum lugar (Figura 1).

Figura 1 – Atividade “As árvores são todas iguais?”



Fonte: Relatório NEP (2015, p. 10).

No desenvolvimento da atividade, foi estabelecido o seguinte diálogo entre as crianças e a educadora:

Criança 1: — Professora, as árvores são seres vivos?

Educadora: — Sim, as árvores são seres vivos.

Criança 1: — Nós também somos seres vivos?

Educadora: — Sim, nós humanos também somos seres vivos.

Criança 2: — Ah!, então, se as árvores são seres vivos e nós também somos, quer dizer que se as árvores não são todas iguais então nós também não somos, né?

Criança 1: — Era isso que eu ia perguntar!!!

(RELATÓRIO NEP, 2015, p. 10).

Jogo filosófico

A atividade do “jogo filosófico” consistiu em apresentar um jogo sem regras para as crianças. Ele correria da forma que as crianças achassem mais adequada. Sem regras, as crianças jogariam de forma aleatória. Logo, elas perceberam que todo jogo precisa de regras para que cumpra sua funcionalidade. Os/as educadores/as, então, solicitaram que as crianças criassem ou seguissem as regras já estabelecidas para cada jogo e, depois, jogassem. No final da atividade, cada grupo de crianças criou um jogo com as suas respectivas regras (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – Criação de regras dos jogos



Fonte: Relatório NEP (2016, p. 11).

Figura 3 – Jogos utilizados em sala



Fonte: Relatório NEP (2016, p. 11).

As crianças criaram regras e dinâmicas dos jogos, o que exigiu capacidades de pensar, comparar, classificar, quantificar e refletir criticamente sobre como viabilizar a execução de um jogo.

Assim, as atividades realizadas indicaram que as crianças desenvolveram as capacidades de pensar, questionar e refletir criticamente sobre fatos vivenciados em seu cotidiano social.

Considerações finais

No ensino de filosofia *com* crianças e adolescentes, tendo por base a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, fica evidente que a criança em sua iniciação filosófica desenvolve capacidades lógicas fundamentais para a formação pessoal e educacional. O fomento ao pensar lógico, crítico e criativo é realizado na prática educativa por meio de uma diversidade de estratégias, incluindo produções literárias, leituras de livros infantis, desenhos, entre outras.

No círculo dialógico, as crianças trazem para debate questões relacionadas ao seu cotidiano social, que perpassam o seu fazer como crianças, o brincar, o estudar, os problemas familiares e de cunho social. Assim, analisam os conteúdos, criam desenhos, conceituam, argumentam e expressam sua visão de mundo. Com isso, as crianças desenvolvem a capacidade do pensar lógico e crítico, bem como sua criatividade no ensino de filosofia, articulado ao seu contexto sociocultural.

Referências

- AMADOR, Afonso Araújo. *Relatório de pesquisa: filosofia com crianças e adolescentes em práticas educacionais populares – uma abordagem freireana*. Belém: Grupo Educação Freireana e Filosofia, 2007.
- CASALI, Alípio. A pedagogia do oprimido: de clandestina a universal. In: MAFRA, Jason; ROMÃO, José Eustáquio; SCOCUGLIA, Afonso Celso (org.). *Globalização, educação e movimentos sociais: 40 anos da Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire/Editora Esfera, 2009. p. 124-132.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Unesp, 2001a.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. 4. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2001b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra (coord.). *René Descartes*. 2. ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009. (Coleção Filosofinhos, v. I).

LIPMAN, Mattew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick. *A filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

LORIERI, Marcos Antônio; RIOS, Terezinha Azeredo. *Filosofia na escola: o prazer da reflexão*. São Paulo: Moderna, 2004.

MARIN, Andreia Aparecida. Ética, estética e educação ambiental. *Revista de Educação*, PUC-Campinas, n. 22, p. 109-118, jun. 2007.

PAGNI, Pedro Angelo; BROCANELLI, Cláudio Roberto. Filosofia da educação e educação filosófica, segundo John Dewey. In: PAGNI, Pedro Angelo; SILVA, Divino José. *Introdução à Filosofia da Educação: temas contemporâneos e história*. São Paulo: AVERCAMP, 2007. p. 216-242.

RELATÓRIO DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR PAULO FREIRE. Belém-PA: NEP-UEPA, 2010.

RELATÓRIO DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR PAULO FREIRE. Belém-PA: NEP/UEPA, 2007a.

RELATÓRIO DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR PAULO FREIRE. Belém-PA: NEP-UEPA, 2007b.

RELATÓRIO DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR PAULO FREIRE. Belém-PA: NEP-UEPA, 2016.

RELATÓRIO DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO POPULAR PAULO FREIRE: Belém-PA: NEP-UEPA, 2015.